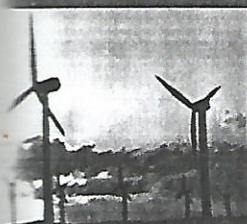


O medo é um tema que se presta a uma infinidade de abordagens possíveis. Neste caso, o presente artigo pretende analisar tal sentimento no ambiente escolar. O medo como reflexo de uma conjuntura cruel que paira sobre os professores qual à espada de Dâmocles. Tão grave é a situação, que temerosos por represálias nas instituições de Educação Superior em que atuam, os autores assinam com pseudônimos o texto que segue.

gia
vável

sador Jorge
Alé aponta
nos e
bilidades para
zação de fontes
ergia limpa.



tura do tabaco
isa realizada
ção fumageira
nta Cruz do Sul
enta o impacto
biente e na
e humana.

C e educação
no visto como
adoria e seu
nciamento do
eito de
a voltada
a cidadania.

sob a disciplina do medo

100 Hora-atividade: as regras legais que sustentam a justiça social e o trabalho extra-classe realizado pelos professores em sala de aula

NOVEMBRO 2002 | VOL. 1 | Nº 1

Textual

1677-9

Sob a espada de Dâmocles²

A tese central que se quer desenvolver neste artigo é que, dentro de um contexto de liberalismo e de mercantilização da educação, fica cada vez mais difícil ser um educador autêntico, conectado com os problemas que enfrentam a humanidade nas suas múltiplas relações humanas, isto é, um educador que procure ir às razões mais profundas do existir das pessoas e da realidade dos fenômenos (sociais e físicos), através da reflexão e da pesquisa. Conseqüentemente, fica cada vez mais difícil “educar”, no verdadeiro sentido da palavra: e-ducere, isto é, tirar de dentro da pessoa seu genuíno potencial de crescimento e fazer com que se desenvolva para sua realização como ser universal e singular. Há uma pressão extremamente coercitiva de parte da instituição, por um lado, que quer resultados concretos, produtos mensuráveis, produção com marca de qualidade total, e que, na prática, se resume a uma produção mais

quantitativa e “prêt-a-porter”, de pronta entrega, sob encomenda, “on demand”; e, por outro lado, há uma pressão formidável de parte dos alunos que, cada vez mais, à semelhança das exigências dos consumidores de bens e serviços, exigem um pacote pronto, um diploma, o mais rápido possível, pelo simples fato de estarem pagando. O educador fica pressionado entre essas duas forças, angustiado e com medo, pois sua sobrevivência se vê ameaçada devido às exigências dessas pressões e regulações em um contexto de competição avassaladora que se instaura nesse processo. Ele vive, literalmente, sob a espada de Dâmocles: qualquer deslize, qualquer ato possivelmente autônomo, criativo, inovador, que contrarie, ou que não se amolde a essas exigências, pode decretar-lhe profundos dissabores, crises, angústias, quando não o fim de seu emprego e, muitas vezes, de sua carreira.

¹ Os autores, diante do que o texto diz e sugere, preferiram pseudônimos.

² Dâmocles, na narrativa da mitologia grega, era um cortesão da corte de Dionísio que amava viver, mas tinha sempre sobre si uma espada presa unicamente por um tênue fio que, a qualquer momento, poderia romper-se e trespassar seu corpo.

Introdução

Se há uma razão que justifique a existência humana, ela tem a ver, com certeza, com seu empenho e objetivo de fazer com que todas as pessoas tenham uma qualidade de vida o mais humana e feliz possível. É o que os filósofos chamam de consecução de uma "vida boa". Essa formulação, "vida boa", pode ser bastante ampla, mas ela pode ser vista como um projeto, um ideal a ser buscado, talvez nunca alcançado em plenitude, mas ao menos como uma luz a nos guiar.

As diferentes produções de conhecimento devem, pois, se propor a uma reflexão contínua e sistemática sobre a realidade e buscar modos de se implementar estratégias e ações na construção dessa "vida boa", de uma existência saudável.

Assim, pretendemos encaminhar essa reflexão através de três passos. Partimos de uma contextualização da problemática, discutindo dois pontos: a presença de uma filosofia liberal que perpassa todo o tecido social, inclusive o educacional, fundamentando e legitimando o caminho por onde a educação está sendo planejada e articulada. O segundo passo se constitui em uma reflexão sobre os resultados que, conseqüentemente, essa lógica irá acarretar, principalmente sobre a subjetividade e as práticas dos professores. Ao final, discutiremos algumas práticas que já podem ser identificadas em muitas instituições e escolas particulares nos dias de hoje.

Contextualizando a problemática

A escola não caiu do céu pronta, nem vive isolada numa redoma impenetrável. Ela está inserida no grande contexto social, sofrendo suas influências e influenciando, por sua vez, outras instituições e instâncias da sociedade, que vão constituindo diferentes práticas e sentidos na construção dos sujeitos. Torna-se necessário, por conseguinte, visualizar esse pano de fundo de nosso momento histórico, a fim de compreendermos melhor os fenômenos que desejamos discutir. Vamos

As diferentes produções

de conhecimento devem, pois, se propor a uma reflexão contínua e sistemática sobre a realidade e buscar modos de se implementar estratégias e ações na construção dessa "vida boa", de uma existência saudável.

enfatizar aqui apenas a questão influência pervasiva da filosofia liberal que vem legitimar o papel que está sendo destinado à educação nesse contexto geral de mercantilização da educação, sob os auspícios da Organização Mundial do Comércio.

É importante discutir mais a fundo o significado e as implicações do que costuma ser denominado por Liberalismo, pois surgem, muitas vezes, equívocos a respeito desse conceito. A razão deve-se ao fato de o termo "liberal" possuir diferentes sentidos, ao menos dois, quase opostos um ao outro.

Na linguagem popular, "liberal" fica sendo sinônimo de algo aberto, ou de alguém dadivoso, franco, generoso, progressista, até mesmo tolerante. Mas não é esse o sentido filosófico de liberal e liberalismo. A filosofia liberal, isto é, o liberalismo

como doutrina, define-se pelo fato de conceber o ser humano como um 'indivíduo', isto é, alguém é singular (indivisum in se), mas não tem nada a ver com os outros, isto é, concebe-se isolado e separado de todo o resto (divisum a quolibet alio). É nessa segunda parte que reside o problema. Politicamente, ele afirma que o estado deve se afastar o máximo possível do mundo das relações sociais e só intervir em casos extremos. Tudo deve ser regulado pela competitividade do mercado. Economicamente, seu clássico axioma básico: "laissez-faire, laissez-passer"; isso significa a liberdade absoluta de fazer o que bem se entender. Ele afirma que a busca do interesse individual, o egoísmo humano, representam o motor do desenvolvimento social, ou seja, é a lógica do individual e não o da construção coletiva. Nesta concepção, no momento em que as pessoas deixarem de pensar em si, não haverá progresso e desenvolvimento, reduzindo assim o espaço para o bem público.

E qual a engrenagem, o mandamento que vai constituir as relações sociais, em permanente movimento? A competitividade. De acordo com a filosofia liberal, sem competitividade não há avanço, não há progresso. Tomemos um exemplo: na avaliação de uma escola que tem a competitividade como condição essencial do progresso, numa escala de avaliação de zero a dez, mesmo que todos os alunos se coloquem entre nove e dez, eles devem ser discriminados, indo alguns para a zona de "rejeição" (os bem próximos de nove), e os outros para uma zona de privilégio (os bem próximos de dez). A maioria ficaria na média de nove e meio. Isso, por quê? Porque somente

discriminando, colocando pessoas nos extremos, serão criadas condições de competição, de luta pessoal e esforço, para que cada um se supere (seja um "winner"!). Isso, porque a lei básica é: sem competição não há progresso. Dane-se a cooperação, a solidariedade, a colaboração. É preciso ter competidores!

Isso parece exagero, mas vejam o que o homem de negócios James Goldsmith (Petrella, 1995:20) afirma sem pejo: "assim como na natureza existem os predadores, que eliminam os 'supérfluos', assim também na sociedade devem



existir os predadores que irão, através da competição, eliminar os 'parasitas' da sociedade (entenda-se, os pobres, os menos competitivos). Vejam com que desenvoltura se passa, aqui, do mundo da natureza para o mundo dos humanos. Esquece-se que os 'supérfluos', aqui, são homens e mulheres com dignidade e direito à vida e à felicidade, ou seja, como afirma Benevides (1998:44):

A racionalidade criativa; o uso da palavra, com sinal exterior mais óbvio da superioridade da espécie humana; a mentalidade axiológica, no sentido da sensibilidade para o que é belo, bom e justo; a liberdade, no sentido da capacidade de julgar, o que supera o mero determinismo biológico; a autoconsciência (o ser humano como ser reflexivo); a sociabilidade e todas as formas de

solidariedade; a historicidade humano é aquele que é a passado e o projeto para a unicidade existencial, no que cada ser humano é insubstituível.

Como entendemos uma educação autêntica?

Paulo Freire, certamente mais importante da história um dos mais importantes do apreciava muito que o chamava "professor". A origem

"professor", do latim, pro = fari = falar, significa, aquele que fala diante do preferia o termo "educador" um significado bem mais desafiador. Sua etimologia, latim, de e = de dentro e du = tirar, significa aquele que convir à tona a potencialidade próprio ser humano.

Isso não é muita novidade retornar a Sócrates para esse tipo de educação verdadeira, ligado a sua etimologia. Com a pedagogia socrática começando a andar com seus alunos nas praças (peripatéticos), dialética. A novidade era que Sócrates dava respostas ao que os alunos faziam perguntas. Ao contrário, respondendo a outras perguntas. Isso obrigava

...a imaginar, a refletir. E assim ele os
...a uma compreensão maior
...problemas sem imposição ou
...ritanismo, a partir deles mesmos, na
...de, tirando de dentro deles algo já lá
...tente. Isso formava pessoas livres e
...exivas.

Sócrates, dentro dessa compreensão,
...mava que o educador é semelhante a
...parteiro. O parteiro tira o humano do
...mano. Assim deve ser o educador:
...dele que tira de dentro das pessoas o
...existe de humano. Ele chamou a esse
...cesso de Maiêutica, tirar o humano do
...mano.

... Talvez seja por isso mesmo que
...rates se deu mal, pois sua pedagogia
...mava cidadãos críticos, questionado-
...e não simples reprodutores do

...sujetos frente aos fatos sociais e à
...problemática da existência humana.
...Sabemos que Sócrates, por essa razão, foi
...acusado de perverter a juventude, e a
...pressão contra ele foi tão forte que, para
...evitar dissabores, foi forçado a se
...suicidar, tomando cicuta. O educador é
...pois, fundamentalmente, aquele que
...reflete, cria, pesquisa, experimenta, por
...um lado e, por outro lado, aquele que
...contribui para fazer os sujeitos pensa-
...rem, refletirem, criarem, pesquisarem,
...buscarem as razões de por que são o que
...são e a razão de por que as coisas que os
...rodeiam são construídas de um modo e
...não de outro, problematizando a
...realidade e não a concebendo como um
...dado natural.

Uma rápida análise de nossa situação concreta

A melhor análise é aquela que será
...feita por cada um, cada uma, dos leitores
...destas discussões. Desafiamos os colegas
...a pararem por um instante e refletirem
...sobre sua situação concreta. Estamos
...convencidos que a grande maioria irá
...descobrir alguma identificação com
...alguma destas situações. Podem existir
...algumas variáveis que atenuem os
...problemas que passamos a elencar
...abaixo. Mas essas são exceções.

Um primeiro olhar pode ser dirigido à
...pressão exercida sobre o educador para
...mostrar serviço. Os verdadeiros
...resultados serão os que podem ser
...quantificados. A extensão, que nesse caso
...será uma superficialização, predomina
...sobre a profundidade. O pensar e refletir
...é substituído pelo fazer e pelo resultado
...imediate, visível, quantificável. A pessoa
...é absorvida por essa lógica de tempo

...gestação, criação e do poder experimentar
...diferentes alternativas. Ele se torna um
...executor, um fazedor e um repetidor,
...preso numa linha de montagem.

Um segundo olhar deve ser voltado às
...exigências do mercado e dos clientes. O
...critério não é mais do educador, do
...pedagogo que poderia e deveria repensar
...todo dia suas práticas; o critério são os
...apelos do mercado. O mercado impõe
...suas leis de acordo com seus critérios e
...valores: o lucro, a rapidez, e uma espécie
...de obsolescência planejada, que exige
...novas e contínuas ondas que tragam
...sempre diferentes atrações e venham
...renovar o estoque com a finalidade de
...novos lucros. Alguns analistas mais
...críticos chamam a tal comportamento de
...“dataholics”, isto é, a adição ao novo, a
...necessidade de buscar e ter sempre novas
...coisas, à semelhança dos programas da
...mídia que se renovam a cada espaço de 5
...a 7 minutos, ou à semelhança dos cultos
...pentecostais que se prolongam em ondas
...de catarses, uma substituindo a outra,
...para desafogar as ansiedades e necessi-
...dades continuamente criadas. Ainda na
...análise do mesmo fenômeno, alguns
...pensadores chamam a essa conduta de
...cronofagia, isto é, a necessidade de
...comer, devorar a última novidade.

Nessa dinâmica, o educador é
...‘produzido’ dentro de uma angústia na
...busca de novos alimentos para saciar a
...fome insaciável dos consumidores. Não
...há tempo para digerir os alimentos; não
...há a necessária assimilação das informa-
...ções que só podem ser verdadeiramente
...incorporadas através de um processo de
...reflexão, crítica, distanciamento,
...discernimento e aprofundamento.

...somarmos a isso tudo o
...por da demissão, da
...da do emprego por outro
...venha competir com
...s rapidez e técnicas
...as, pode-se imaginar a
...ação aflitiva em que são
...ocados os colegas de
...balho, desesperados em
...sca de novos milagres,
...nológicos ou não, que
...tem seus clientes
...omeados.

Se somarmos a isso tudo o pavor da demissão, da perda do emprego por outro que venha competir com mais rapidez e técnicas novas, pode-se imaginar a situação aflitiva em que são colocados os colegas de trabalho, desesperados em busca de novos milagres, tecnológicos ou não, que saciem seus clientes esfomeados.

Essa situação se torna mais ameaçadora se a olharmos agora a partir da ótica produtivista assumida pelos alunos, aos quais é dito que eles têm um direito, pois estão "pagando" pelo produto

projeto que vise à emancipação do ser humano, esfacelando-se, fragmentando-se e reduzindo-se na constante busca de atender "às necessidades do consumidor", perdendo assim a sua autonomia e dignidade.

Mas há ainda uma nova variável que se torna importante nesse contexto: a família. Os pais e as mães, que são os pagantes, transformam-se, por sua vez, em outros fiscais que interferem, muitas vezes, no processo educativo, exigindo determinado tipo de produto. Essa exigência da família,

se tornar um fator a mais na criação e ampliação da situação angustiante e aflitiva dos educadores, incentivando a lógica mercadológica da educação, se transforme numa aliada para uma reflexão profunda sobre esses processos e instâncias, que possam potencializar um processo educativo de qualidade tendo como parâmetro as necessidades sociais. A família também necessita ser educada em um espaço que possa desencadear novas práticas educativas.

Novos Caminhos: como inventá-los?

Sem uma aliança de mútua confiança e ação conjunta entre os educadores e as instituições, será praticamente impossível a conquista de uma educação que leve à liberdade e à consecução da dignidade dos seres humanos em questão. É necessário um grande fórum onde esses problemas sejam debatidos. Agora, no momento em que os "administradores" e os "produtores" de educação aderirem e se aliarem, consciente ou inconscientemente, às exigências do mercado e dos consumidores, será difícil avançar nessa perspectiva.

Alguns podem vir com o seguinte argumento: o que falta aos educadores é eficiência. No momento em que eles forem eficientes e mostrarem serviço, todos esses problemas serão solucionados.

Até podemos aceitar que, por



educação. Eles passam ao instrumento de controle e regulação do trabalho do professor, tendo assim, de sair correndo em busca de novos alimentos, sem que possa parar para pensar, criar e refletir. Ou seja, o aluno passa a ser um "instrumento regulador da eficiência do educador". A pergunta não é mais sobre quem é o ser humano, quais as razões últimas de seu viver, que valores são fundamentais a sua plena realização, o que é uma "vida boa", digna, verdadeiramente humana. Desta forma, o trabalho do professor se dissocia de um

que na maioria das vezes é justificada como busca de qualidade na educação, e que é realizada geralmente por pais e mães de camadas médias altas da sociedade, promove a formação de valores e práticas de uma intensificação conservadora. É evidente que não estamos aqui dizendo que a família não deve se fazer presente. Pelo contrário, uma educação que não leve em conta o contexto familiar, antes, durante e depois do período escolar, dificilmente poderá ser chamada de autêntica. Mas é importante que a família, em vez de

falta de formação. Aliás, na condição de ninguém nunca poderá se considerar. A busca da consciência e do conhecimento é um processo infinito. Mas gostaríamos de dizer que o problema não é só esse, aliás, esse é o menor. O grande problema é a individualista, liberal, competitiva, consumista, materialista no seu verdadeiro, que é a exigência de um concreto, visível, mensurável e a curto prazo esse "zeitgeist", esse "espírito dos tempos" que ameaça e aterroriza.

O processo é que está produzindo o que chamamos de "burnout" (Codo e Vasques-Menezes, 1999) e que pode ser caracterizado principalmente por uma exaustão emocional decorrente da não-realização pessoal decorrente das relações de trabalho. O fato de o educador não conseguir dedicar-se como deveria à preparação do seu trabalho, devido ao tempo, situação econômica e às pressões mercantilistas na educação, descritas em parte da instituição e dos alunos, faz com que se sinta frustrado, angustiado e insatisfeito, não obtendo assim um retorno adequado do seu trabalho que o fortifique e que lhe permita estar afetiva e profissionalmente em

O esvaziamento nas relações humanas geram sentimentos de incapacidade que, por sua vez, podem desencadear um processo de estresse, evidenciado através de sintomas de depressão, fobias ou outros que passam a ser diagnosticados no corpo, como gastrites, úlceras, alergias, hipertensão arterial, etc.

Mas, acima de tudo, estamos convencidos, é de um clima de paz e segurança que permitirá que um verdadeiro trabalho pedagógico possa ser efetuado. É impossível estabelecer um processo de verdadeiro diálogo com o educando, um processo de confiança mútua e crescimento continuado de ambos, se sob o educador estiver pairando uma espada ameaçadora, que a qualquer momento poderá pôr fim à sua carreira e frustrar sua vida. Se os critérios forem a eficiência quantificada e a busca de uma qualidade que se meça principalmente por critérios lucrativos, será difícil o estabelecimento e o desenvolvimento de uma verdadeira ação educativa que leve, o educando e o educador, à consecução de uma realização plena como seres humanos livres, dignos, solidários. A construção de uma verdadeira comunidade educativa não pode ter como centro o medo e a insegurança. Uma paz ativa e um diálogo confiante podem ser fatores de superação das angústias e sofrimentos presentes nos educadores devido ao atual contexto político, econômico, cultural e social. A reflexão sobre uma boa educação deve começar aqui.

Referências bibliográficas

Benevides, M.V. de M. Cidadania e Direitos Humanos. Cadernos de Pesquisa, n.104, Fundação Carlos Chagas. São Paulo: Cortez, julho 1998.

Codo, W. e Vasques-Menezes, I. O que é Burnout? In: Codo, W. (Org.) Educação: Carinho e Trabalho. Petrópolis: Vozes, 1999.

Panizzi, W.M. Universidade, um lugar fora do poder. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

Petrella, Ricardo "Le Retour des Conquérants" Le Monde Diplomatique, maio 1995, pg.20.

